

Sobre o caleidoscópio de onde comprar os alimentos em tempos de COVID-19

A partir deste último final de semana se intensificaram as ações de confinamento e distanciamento social. É notável a diminuição da circulação de pessoas pelas ruas, praças e outros locais que antes eram considerados rotinas na vida social.

Nesse contexto, é notável também a diminuição de alimentos nas gôndolas de determinados supermercados e a restrição na venda de determinados produtos por indivíduos. O receio da restrição, ou o medo da falta definitiva de alimentos, está desencadeado um “efeito manada” sobre a população – pelo menos parte dela – de corrida para compra e estoque de alimentos. A ausência de itens nas gôndolas não parece estar relacionada a restrições na distribuição, como ocorreu recentemente durante a greve dos caminhoneiros, mas sim ao aumento repentino de demanda. Aqui surge então um ponto de reflexão, nossa produção e processamento de alimentos terá capacidade de abastecer os pontos de vendas em momentos de insuflação artificial da demanda?

Outro aspecto do debate diz respeito ao local de escolha para compra dos alimentos. Assim como mudanças comportamentais estão ocorrendo em diversas dimensões do cotidiano, é de se esperar que também ocorram mudanças na escolha do local de compra dos alimentos. Aqui em casa, por exemplo, temos o hábito de comprar a maior quantidade dos itens de abastecimento do mês em maior quantidade e em locais que possuem preços mais baixos, comprando o restante dos itens, principalmente alimentos perecíveis, durante a semana, em menor quantidade, em pequenos comércios do bairro e em feira de agricultores. Nesse aspecto, a questão central passa por como conseguir comprar os alimentos dentro da faixa orçamentária familiar evitando as rotineiras aglomerações dos supermercados e feiras, ou seja, garantindo o necessário “distanciamento social”?

Como forma de tentar conciliar esses dois aspectos, no sábado pela manhã, saí de casa às 6h50m com o objetivo de ir em dois locais de compras: um atacado e uma feira de agricultores. Ao passar em frente a feira de agricultores, tradicional aqui no município de Caxias do Sul, percebi a grande movimentação de pessoas, fato este conflitante com uma das variáveis. Optei então por seguir até o atacado. Chegando no local, em torno das 7h10min, já havia uma fila de aproximadamente 20 pessoas. O local tinha previsão de abrir as 7h, porém ainda não estava aberto. Passados alguns minutos, alguém da gerência veio até a porta principal e informou que haveria necessidade de realizar os procedimentos de desinfecção antes de abrir. Pelos vitrais da fachada era possível verificar vários funcionários com panos e produtos de limpeza. Um outro funcionário, com uma máquina costal, aspergia um produto sobre os carrinhos. Percebi pelo cheiro que era um produto a base de cloro. Fato curioso é que algumas pessoas estendiam as mãos em direção ao senhor com a maquininha para que aspergisse o produto sobre as mesmas. Uma breve lembrança das procissões católicas, quando o padre passava com sua água benta, momento em que uma certa proteção divina tomava conta de quem se sentisse aspergido – porém agora sob a proteção da divina ciência, com as bênçãos do santificado hipoclorito de sódio.

Passados mais de 50 minutos dos procedimentos de higienização, e sem que as portas fossem abertas, a pequena fila se transformou em uma grande multidão que contornava o estacionamento do local. Fiel ao conceito de “distanciamento social” optei por não ficar. A esperança estava no mercadinho do bairro.

A chegar ao local, por volta das 8:10, me deparei com a rotina de um pequeno mercado quando abre: o proprietário organizando o caixa; sua filha organizando as questões da padaria; a pessoa responsável pelo açougue atendendo o pessoal do caminhão de entrega das carnes, o qual acabara de estacionar e deu início à descarga dos tradicionais cortes de frigoríficos que serão posteriormente desossados no local. Rotina essa alterada somente pelo fato de proprietário estar amarrando uma fita na ponta do caixa até uma das prateleiras, com vistas a manter uma certa distância dos clientes, e por um frasco de álcool gel colocado sobre um banco de madeira na entrada do estabelecimento.

Até aquele momento estava conseguindo cumprir rigorosamente o aspecto do distanciamento social. Porém, após a colocação dos primeiros itens no carrinho ficou evidente que a dimensão da manutenção do orçamento mensal para alimentação não seria atendida como pretendido. Esse fato se confirmou ao conferir a nota fiscal no final das compras. Não demorou muito para que o pequeno mercado - o qual possuía uma área não maior que 5 metros por 8 metros – começasse a encher. Percebi neste momento que o pequeno mercado, proporcionalmente ao atacado e à feira de agricultores, seria o que menos atenderia a questão a dimensão do distanciamento social. Essa situação fez com que eu optasse em comprar menos itens, principalmente os de açougue, local em que rapidamente se formou uma longa fila, tendo em vista que acabara de chegar carne fresca, cujo dia e horário já era conhecido pela vizinhança. Pareceu-me que a questão do distanciamento social não era a principal preocupação dos frequentadores do pequeno mercado, tendo em vista o entrosamento e conversas de quem se conhece e se encontra em um local de compras num sábado pela manhã. Cabe salientar, que em tempos de cartões de créditos próprios pelas grandes redes de supermercados, o pequeno mercado do bairro, ainda mantém o tradicional caderno de compras.

A experiência de passar por 3 locais de compras de alimentos com dinâmicas de funcionamento diversas, traz para a reflexão a grande preocupação por parte da população das questões relacionadas à segurança alimentar. A presença de um grande número de pessoas numa feira de agricultores, num grande mercado e num pequeno mercado, remete por um lado a uma injeção de recursos financeiro por parte dos consumidores nestes locais, e por outro, a um aumento da necessidade de oferta de alimento por parte dos estabelecimentos. De maneira contrária a algumas avaliações, penso que os pequenos estabelecimentos e as feiras de agricultores talvez não sejam os mais prejudicados em termos de impactos financeiros, caso não haja desabastecimento de itens por parte dos fornecedores/agricultores. Pelo contrário, esse conjunto de atores dos sistemas agroalimentares, podem inclusive, pelo menos temporariamente, aumentar sua clientela. Porém, a pressão sobre a oferta de alimentos pode transformar rapidamente, seja de forma artificial ou não, o sistema de preços, fazendo com que haja aumento significativo no valor de venda/compra. Esse fato remete à necessidade do resgate de ações governamentais que possam incidir sobre a formação dos preços, evitando a variação desproporcional dos mesmos, bem como o risco de desabastecimento.

Enquanto isso, seguimos observando nesse caleidoscópio de possibilidade, as reconfigurações das possibilidades de escolhas alimentares nesses tempos de COVID-19.

Alexander Cenci

23/3/2019